

Quem ouviu a mesa redonda da T.V. com prelados e leigos, até às três da madrugada, não pode deixar de ter tido uma impressão da profundidade dos conceitos de uma das partes componentes da reunião. Entre os dois grupos, tornou-se patente a superioridade de um, enquanto ao outro faltava conhecimento e cultura para um diálogo de forças equivalentes.

A bancada dos leigos caracterizou-se pela defesa da matéria, numa fanatização pela tecnologia, pela racionalização, pelo financiamento, como se a industrialização mesmo desumana, seja caminho único para a elevação do homem e para a distribuição da igualdade. Neste ponto, um dos três se destacou com brilhante verbosidade, como orador riquíssimo de recursos para a ênfase, para deslumbramento, para fazer delirar de entusiasmo numa exuberância de manifestação momentânea, mas superficial, bulhenta mas frágil, multicolor mas insegura, difundindo uma sonoridade excitante mas não convincente.

Outro, destes três, menos verboso, mas ainda de obcecação pelo progresso material exclusivo, neste debate parece ter confinado um pouco os seus conhecimentos mais profundos que o fariam mais compreensivo; pareceu mesmo, às vezes, ligeiramente reticente como se a opinião do grupo contrário, sem leva-lo para o seu lado, o impressionasse, como a sua parcial concordância e a sua elegância ao desculpar-se pela divergência, deixaram sentir. Sua defesa do progresso material exclusivo e do lucro ilimitado, colocaram-no na concepção materialista da vida.

O terceiro dos leigos, aliás quem mais falou, numa demonstração variada e extensa de ledor, revelou, a par desta qualidade, um superficialismo que aparenta um abandono total da cultura profunda que adquiriu. Talvez da sua profissão lhe tenha vindo o hábito de espraiar-se sem profundidade, o que explica o uso de argumentos algum tanto colegiais como "eu acho", "eu penso". Este terceiro leigo tomou atitudes inteiramente impróprias como foi o momento em que quiz exigir dos prelados uma declaração de serem eles pela conservação ou proscrição do atual governo da república. Em resposta a uma explanação clara e decisiva do Arcebispo de Vitória, demonstrando que os prelados falavam como componentes da hierarquia eclesiástica, e, portanto, com esta responsabilidade que os fazia apontar o mal para que o corpo político-administrativo o corrigisse, o leigo teve a infantilidade de comparar-se ao prelado e oferecer-se como exemplo de quem se manifesta pela conservação ou substituição do governo, como se ele, leigo, ali estivesse com o mesmo grau de responsabilidade dos prelados, como se ele, falando, comprometesse perante a opinião pública, toda a sua classe profissional. Foi uma das suas mancadas mais impressionantes.

Do outro lado, três religiosos compoem uma mentalidade das mais elevadas. Na pobreza da generalizada incapacidade, se alguma interrogação sobre a posição dos bispos chamados progressistas ainda confundia, a mesa redonda clareou o panorama, teve esta grande virtude que alcançou pugilo de ouvintes. O primeiro dos prelados, talvez pela idade ou pelos cabelos brancos, manifestou logo uma apuradíssima sensibilidade pelo sofrer humano; um zelo apostólico intenso, um conhecimento pessoal, imediato e profundo da pobreza reinante, a convicção de um mal imenso a corrigir e de um dever de alertar como pastor dedicado ao seu pastoreio, o conduz a posição da mais intensa caridade, de orientar paternalmente, de prevenir, de evitar males que o povo brasileiro, bom e

ordeiro, não merece sofrer, e se sofrer, deverá apenas a insensibilidade do materializado. Suas palavras foram de amor vivo, do arauto do bem que se angustia com uma visão menos feliz para nossa pátria, porque ve, na atualidade, um desnível excessivo de faixas sociais, uma injustiça econômica alarmante e perigosa. Mesmo que por uma paixão política se queira considerar exarcebada a sua atitude, a realidade que aponta é incontável.

O mineiro da cátedra paraibana, senhor de uma capacidade encantadora de argumentação, respondeu magistralmente a tôdas as investidas da banca-leiga; mesmo interrompido com alguma deselegância pelos opositores, sua exposição foi clara e convincente; os fundamentos das suas opiniões, só permitiram aos leigos o falar apaixonado de inconformados sem recursos para rebate. A delicadeza de discutir, a serenidade de conselheiro, a paciência de mestre abnegado, qualificando os três prelados, no seu falar exceliam quando a sua capacidade expositiva integralmente aclarava dúvidas e objeções, tôdas elas destruídas. O seu sorriso complacente, não deixou de revelar a tolerância e consciência da superioridade com que ouviu um conjunto opositor de muito menor capacidade intelectual.

O prelado da mais longínqua diocese, suposto mais extremado, foi, então uma demonstração de tôda superioridade moral e cultural daqueles homens de Deus que se atiram à faina de corrigir erros e cooperar com diretivas que evitem à nossa pátria um futuro incerto. Sua elegância expositiva, sua segurança de conceitos, sua delicadeza de trato, como as de seus companheiros, conquistou a confiança e simpatia de quem os ouvia com o desejo de vislumbrar a verdade e de caminhar reto para um futuro de paz. Culto e paciente, conduziu seu debate com elevação e finura completando o grupo prelatício das mais altas qualidades, e infundindo confiança num caminhar harmonioso para o nosso grande país.

Pena foi que justamente os mais capazes, os prelados, menos pudessem falar; interrompidos por apartes inoportunos e impertinentes, sofreram uma diminuição do seu tempo que não tiveram bastante, e careceram de um ambiente calmo para exposição completa. Seria perdoável até que se exasperassem; mas na segurança do cumprimento de um dever apostólico, não mostraram qualquer ressaibo de desagrado, nunca lhes faltando a paciência evangélica. Recebeu o coordenador telefonemas que reclamavam, com razão, contra a perturbação que sofreram os prelados nas suas exposições, constatando-se um fracionamento do tempo de falar que lhes era destinado. Mas grande ensinamento ficou.